



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
CURSO DE GEOGRAFIA

ELLYS TAISA OLIVEIRA ALVES

**APONTAMENTOS SOBRE O TURISMO NO RIO PARAGUAI EM
CORUMBÁ/MS**

Corumbá, MS
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
CURSO DE GEOGRAFIA

ELLYS TAISA OLIVEIRA ALVES

APONTAMENTOS SOBRE O TURISMO NO RIO PARAGUAI EM CORUMBÁ/MS

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade Relatório de Pesquisa, apresentado ao Curso de Geografia do Campus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Corumbá, MS
2023

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos.

Aos pais/familiares, por todo o apoio e pela ajuda, fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos professores, em especial à Dra Ana Carolina Faccin, minha orientadora.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

À instituição de ensino UFMS.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
1. Breve dinâmica do Rio Paraguai no Pantanal	10
1.1. Características gerais da bacia do Rio Paraguai	10
1.2. A seca histórica do Rio Paraguai no trecho de Corumbá/Ladário	13
(MS)	
2. Apontamentos sobre o turismo no Rio Paraguai em Corumbá (MS)	18
2.1. Tipos de turismo em Corumbá (MS)	18
2.2. Relatos locais: dificuldades e características do trabalho no turismo fluvial 24	
em Corumbá (MS)	
2.2.1. Relato transcrito do senhor Zé Leôncio	24
2.2.2. Relato transcrito da senhora Luceni	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

O Rio Paraguai, em idioma guarani “Rio Grande”, é o mais importante rio que alimenta esta bacia hidrográfica de mesmo nome. Nasce no estado de Mato Grosso, mais especificamente no município de Cáceres e percorre Brasil, Bolívia e Paraguai até desaguar no rio Paraná e na Argentina (figura 3).

Figura 3. Percurso do Rio Paraguai na América do Sul.

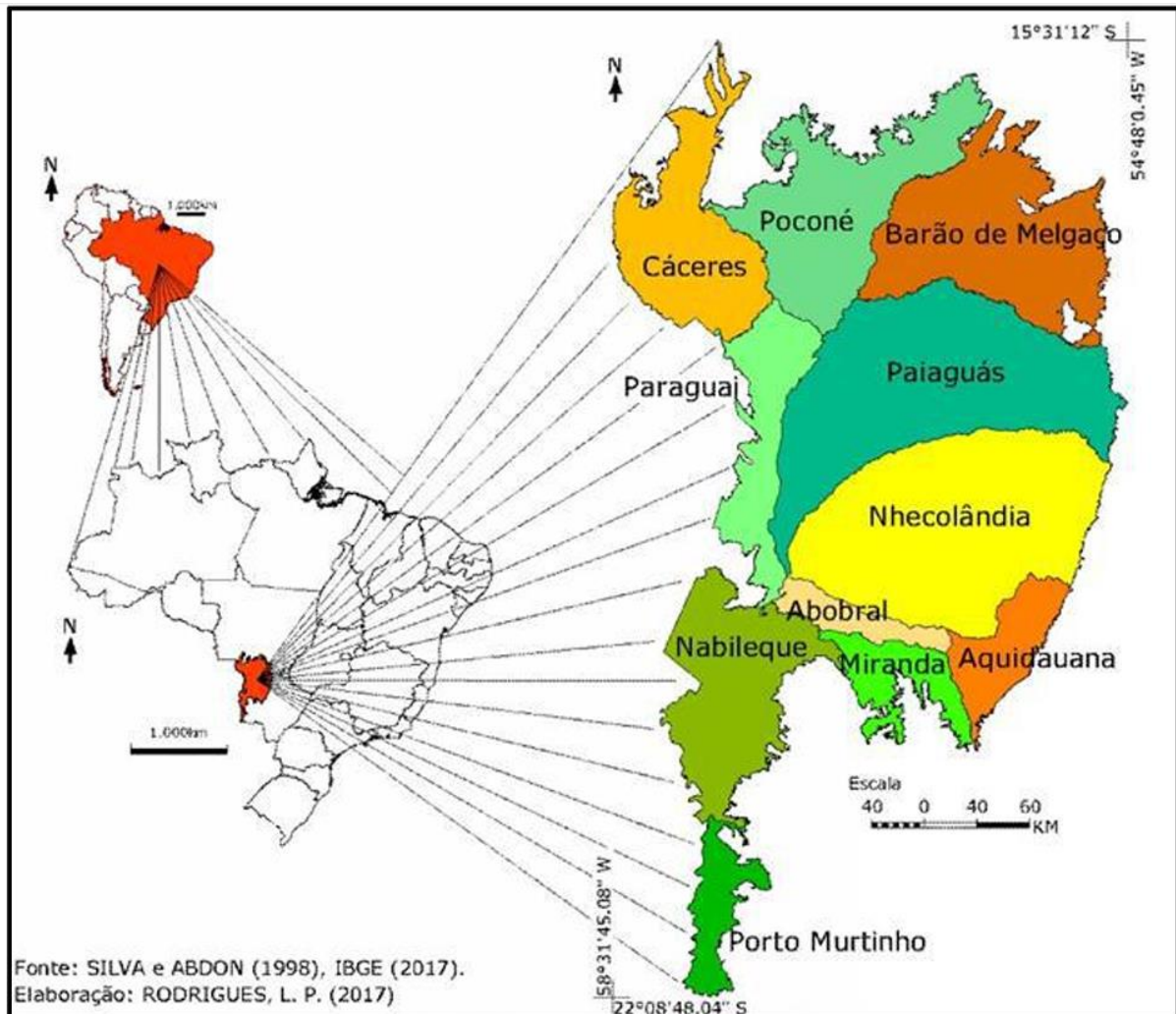


Fonte: FRANÇA (2019).

Este rio é um dos principais responsáveis por conferir uma paisagem exuberante que multiplica em vários pantanais; a diversidade de paisagens é tanta que, teoricamente, o Pantanal é dividido em diferentes sub-regiões, cada qual possuindo características peculiares e únicas. A Embrapa Pantanal identificou 11 áreas úmidas, cada uma com características únicas de solo,

vegetação e clima, sendo elas: Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paraguai, Paiguás, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho (EMBRAPA, 2014). São essas, portanto, os 11 pantanais (figura 4) que juntos em toda a sua complexidade, formam a região que conhecemos comumente como bioma Pantanal.

Figura 4. Mapa dos 11 pantanais, regiões distintas entre si dentro do grande complexo do bioma Pantanal.



Fonte: CARVALHO *et al* (2018), com base em SILVA & ABDON (1998).

Dada essa abordagem inicial, nosso relatório é focado principalmente no Pantanal do Paaguai e da Nhecolândia que, dentre todos os pantanais citados anteriormente, são as áreas mais visitadas pelos turistas que se deslocam em busca de aventuras, belas paisagens e experiências únicas em Corumbá. O pantanal da Nhecolândia, particularmente, é tido como “porta de entrada” do pantanal e os municípios que estão inseridos neste pantanal são Aquidauana, Miranda, Coxim e Corumbá. É importante salientar que este pantanal é o mais

visitado pois o mesmo é de mais fácil acesso em comparação aos demais pantanais (Almeida, 2007).

Desse modo, o objetivo do trabalho é apresentar apontamentos sobre o turismo no Rio Paraguai em Corumbá/MS, afim de discutir a dinâmica do Rio Paraguai e seus períodos de cheias e vazantes, bem como compreender as diferentes formas de turismo ligadas ao rio em Corumbá. Considerou-se a minha relação pessoal na escrita do trabalho pois tive ao longo da minha vida com o turismo na cidade de Corumbá ao longo do Rio Paraguai por conta do trabalho dos meus pais, que pude retratar por meio de entrevista estruturada, que contou com um roteiro de perguntas pré-definidas, considerando uma importante função social, valendo-se do conhecimento empírico, desempenhando um papel importante na divulgação de informações e na formação de ideias. Nessa perspectiva, buscou-se relatar experiências de trabalhadores autônomos do turismo informal na orla no Porto Geral, com suas impressões sobre as condições de trabalho e do meio ambiente local que os cerca, com o passar dos anos.

Utilizou-se o método de estudo de caso, segundo Triviños (1987, p. 133) “analisa-se em profundidade o campo de estudo cujo objeto é a unidade”. É considerado um estudo aprofundado de um objeto, permitindo obter conhecimento amplo e detalhado sobre ele, o que não é possível com outros métodos de pesquisa.

Durante a época de cheia ocorre o transbordamento nas várzeas e, quando os níveis das águas estão baixos, com redução do volume de água e devido à sedimentação, há alteração na configuração dos canais dos rios – canais e várzeas. Desta maneira o Rio Paraguai é um dos principais rios receptores de águas em seus afluentes, devido a sua formação geológica, o que impulsiona com o aumento das precipitações o escoamento de sedimentos e águas para sua planície.

O período de cheia forma uma diversidade de campos com uma mistura de lagos em sua maior parte do pantanal, os períodos de enchentes ocorrem devido a formação de calhas em torno da parte baixa da planície, em que períodos de maiores precipitações toda a água drenada da parte mais alta escorre para a parte mais baixa assim aumentando o volume fluvial nas bordas das planícies e avançando para os campos e enchendo os lagos que até então estavam secos, estes períodos úmidos acontecem nos meses de Outubro a março, a figura 6 nos demonstra este período.

O Pantanal é uma região que possui características climáticas e geográficas que a tornam única e que se renova anualmente com um ciclo sazonal, controlado pela água.

Figura 6. Períodos que regem as águas no Pantanal



Fonte: Elaboração da autora com base em NUNES (2020, online).

Durante as cheias, as partes mais baixas do Pantanal ficam submersas. Os animais têm que vasculhar as partes superiores das terras e o gado, por meio de mensageiros, é trazido para essas áreas não alagadas. Durante a estação seca, os animais voltam a se espalhar pela região,

alimentando-se de alimentos aquáticos provenientes de áreas secas. O período de Vazante se inicia no mês de abril a Junho, onde as chuvas já diminuem gradativamente o solo começa a aparecer onde antes era somente áreas alagadas e toda a água que estava sobre o solo alagado recua para dentro dos rios. As áreas de lagos e curixos secam, ficando propício para a alimentação de animais que estavam dispersos para as áreas alta conforme a figura 7.

Figura 7. Tuiuiu, ave símbolo do Pantanal, se alimentando em campo aberto.



Fonte: Arquivos pessoal, outubro de 2023 .

Para entendermos a dinâmica das enchentes, é necessário entender que o pantanal está em uma região de planície tectonicamente ativa e constantemente recebe cargas de de sedimentos e água de diversos aluviais (ASSINE et al, 2005). Segundo o mesmo autor, “o leque do Taquari é a feição mais notável na geomorfologia do Pantanal, é um sistema deposicional imenso e pouco conhecido geologicamente” (ASSINE, 2003, p.9).

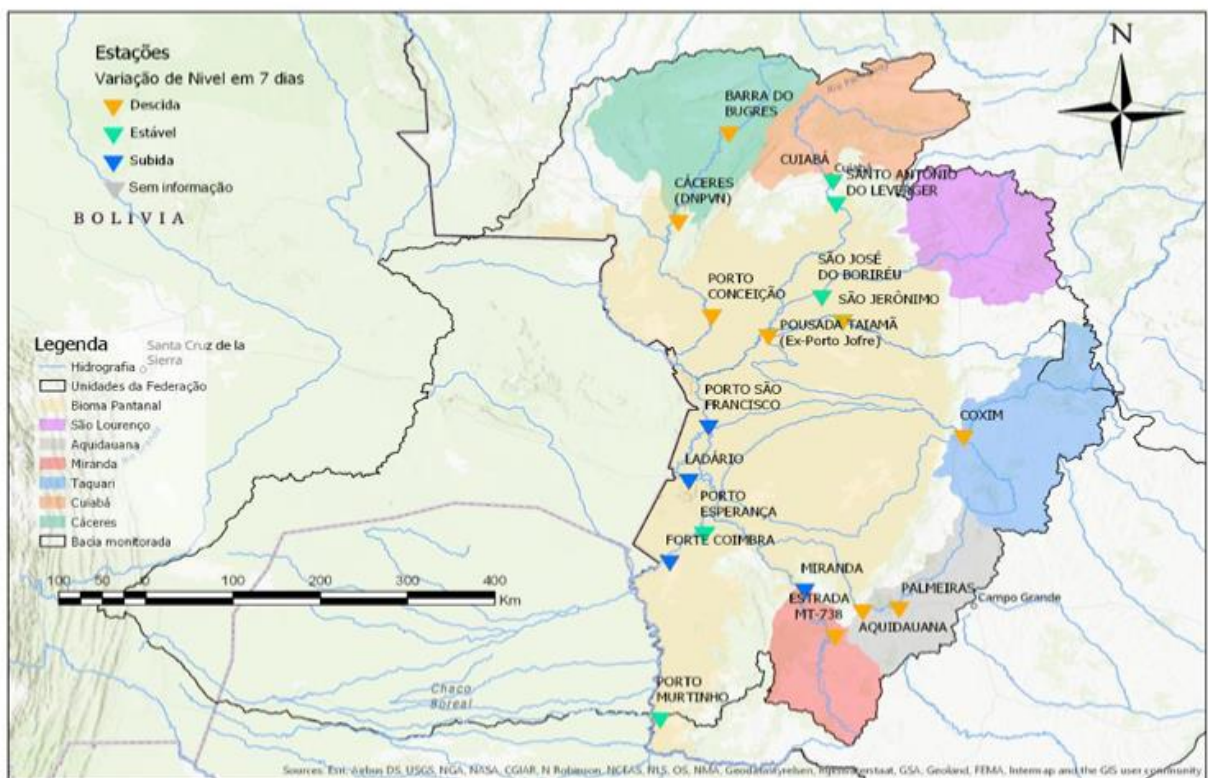
O sistema-tronco é composto por planícies fluviais com características hidrossedimentares distintas, em que ora as águas estão confinadas em um vale relativamente estreito, ora o fluxo apresenta hidrologia dispersiva, em que a água do rio Paraguai é espalhada por áreas relativamente largas (Macedo, 2017, p. 31). Quando falamos em cheia, toda água de escoamento é oriunda do megaleque que é uma rocha com um declínio que escoar toda a água de chuva através de seus sistemas de drenagem para a parte mais baixa do Pantanal.

1.2. A seca histórica do Rio Paraguai no trecho de Corumbá/Ladário (MS)

Ao contrário de outtas áreas úmidas, “o Pantanal é uma grande área que sofre inundações sazonais que vão de janeiro a junho, mas tem grandes picos de inundação em meses diferentes em cada parte do delta” (Macedo, 2017, p. 35).

Desde 1900, com base em medições feitas pela Marinha do Brasil e catalogadas pelo Serviço Geológico do Brasil (a figura 8 representa os pontos de medição na bacia do Rio Paraguai), podemos afirmar que o Pantanal tem experimentado ciclos prolongados de enchentes e secas e o cenário das últimas décadas tem se mostrado acentuado, se pensarmos no contexto das mudanças climáticas no planeta como um todo. O mapa do boletim de junho de 2023 (figura 8) mostra que as águas do Rio Paraguai em Ladário (MS) indicavam subida das águas, na legenda de triângulo invertido azul.

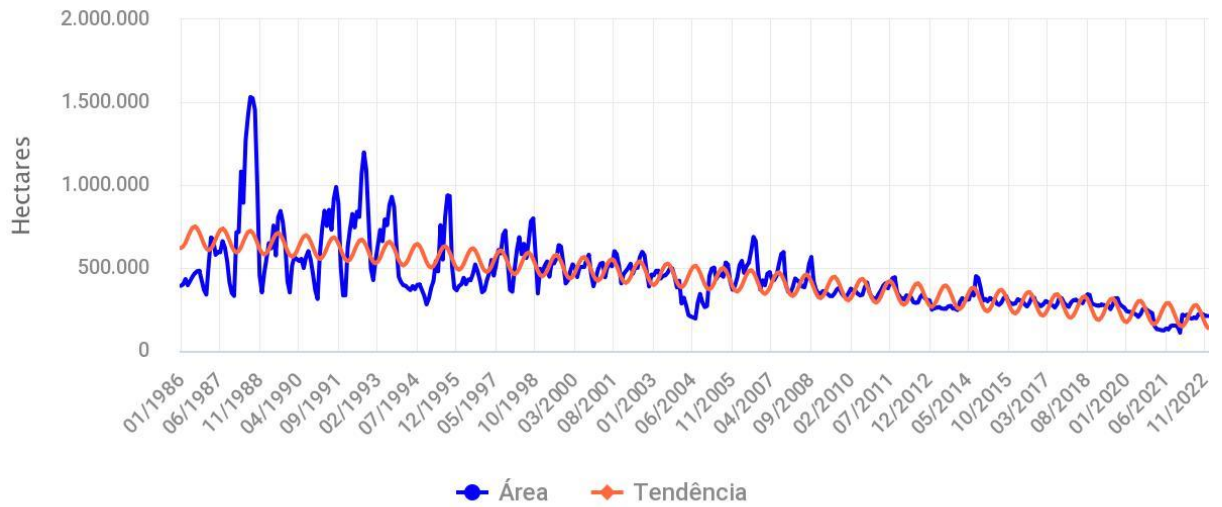
Figura 8. Boletim de monitoramento hidrológico da bacia do rio Paraguai, junho de 2023



Fonte: Serviço Geológico do Brasil (2023).

A figura 9 demonstra os níveis cada vez mais baixos de superfície de água no município de Corumbá.

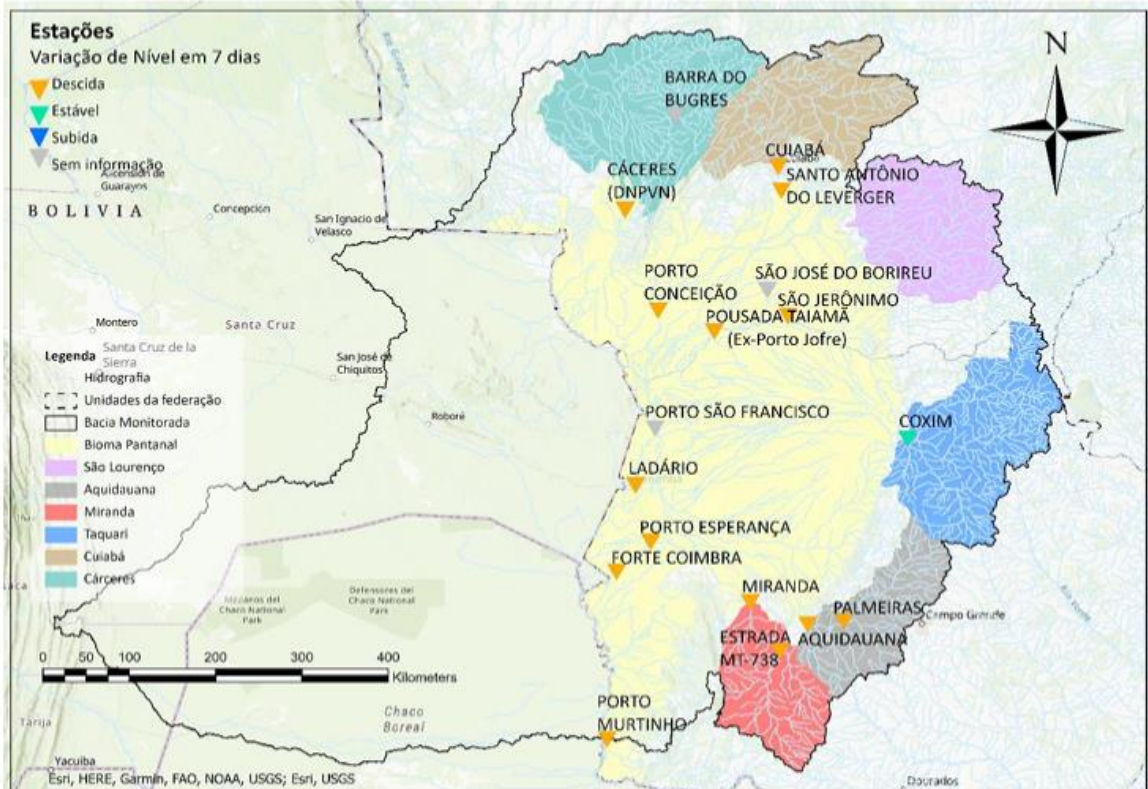
Figura 9. Série temporal mensal da superfície d'água em Corumbá (MS).



Fonte: MAPBIOMAS (2023).

Para exemplificar em dados espacializados a subida e descida das águas, apresentamos o boletim de novembro de 2023, onde a base de medição de Ladário apresenta indicação de descida do nível da água, indicado na legenda na cor laranja (figura 10).

Figura 10. Boletim de monitoramento hidrológico da bacia do rio Paraguai, novembro de 2023



Fonte: Serviço Geológico do Brasil (2023).

Em fotos locais, os dados de superfície de água se traduzem em áreas antes cobertas por água ficando cada vez mais secas, criando praias e áreas descobertas, como na figura 11 e 12. Nas figuras 13 e 14 podemos observar o comparativo entre a superfície de água do ano de 2003 e do ano de 2022, em imagens de satélite disponíveis pela plataforma Mapbiomas (2023).

Figura 11. Porto Geral, Corumbá, outubro de 2020.



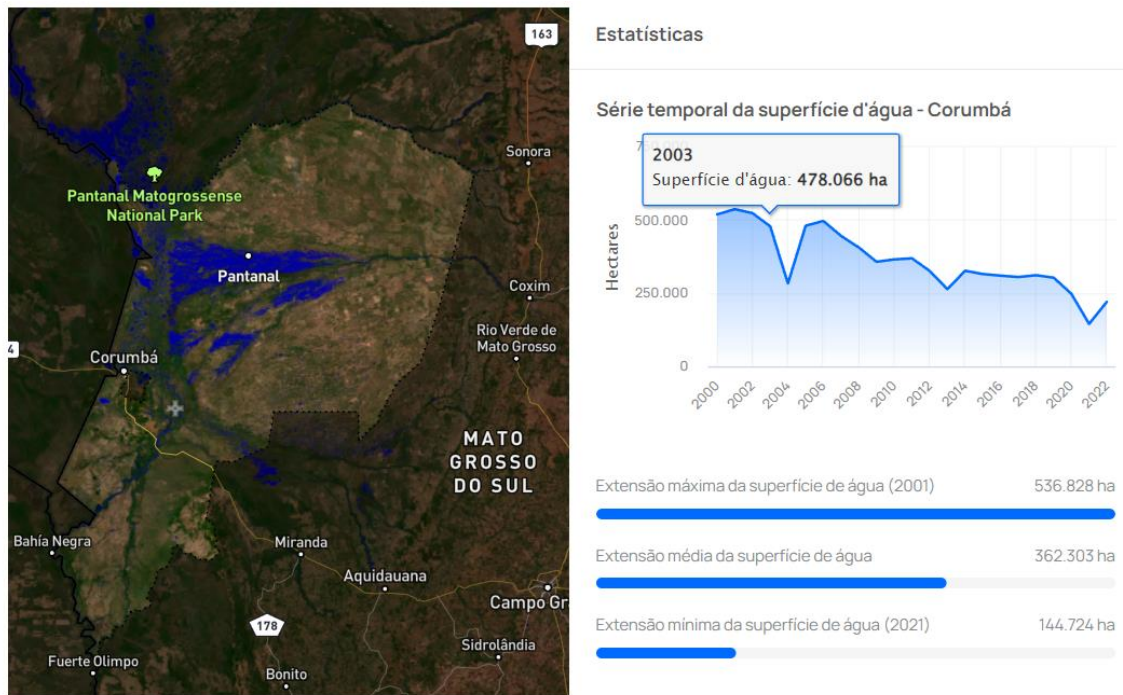
Fonte: Acervo da autora, outubro de 2020.

Figura 12. Porto Geral, Corumbá (MS), outubro de 2020.



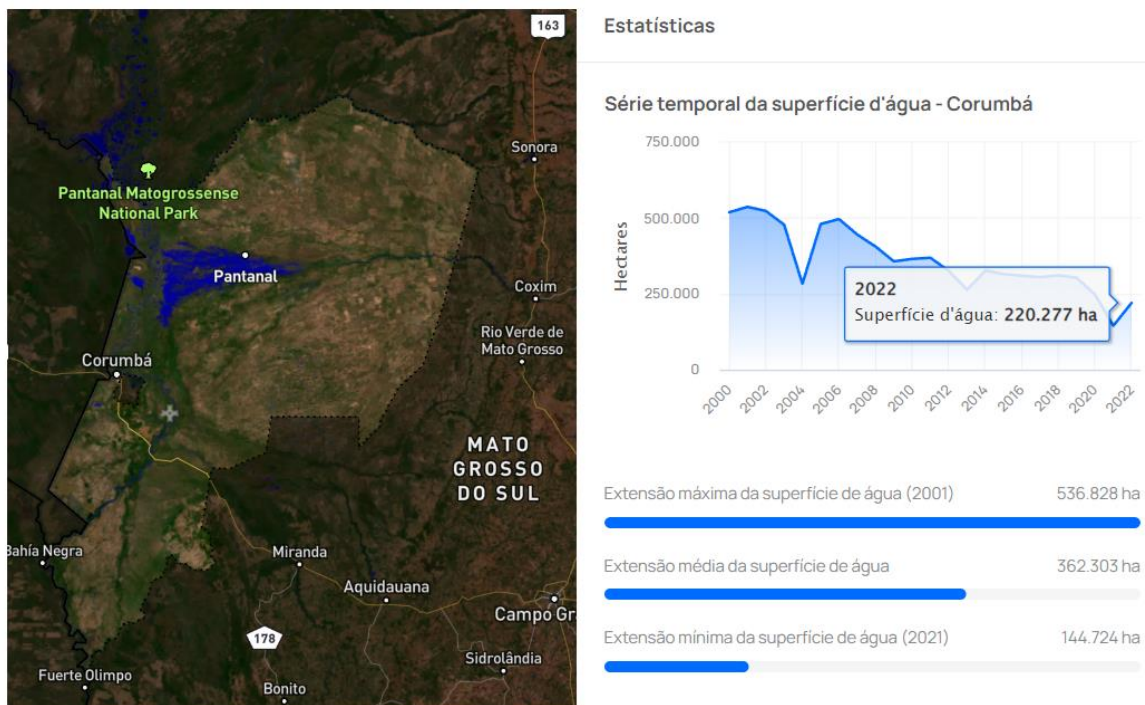
Fonte: Acervo da autora, outubro de 2020.

Figura 13. Imagem de satélite (ano de 2003) e série temporal da superfície de água em Corumbá (2000 a 2022)



Fonte: Elaborado por Ana Carolina Torelli M. Faccin com base em MAPBIOMAS (2023).

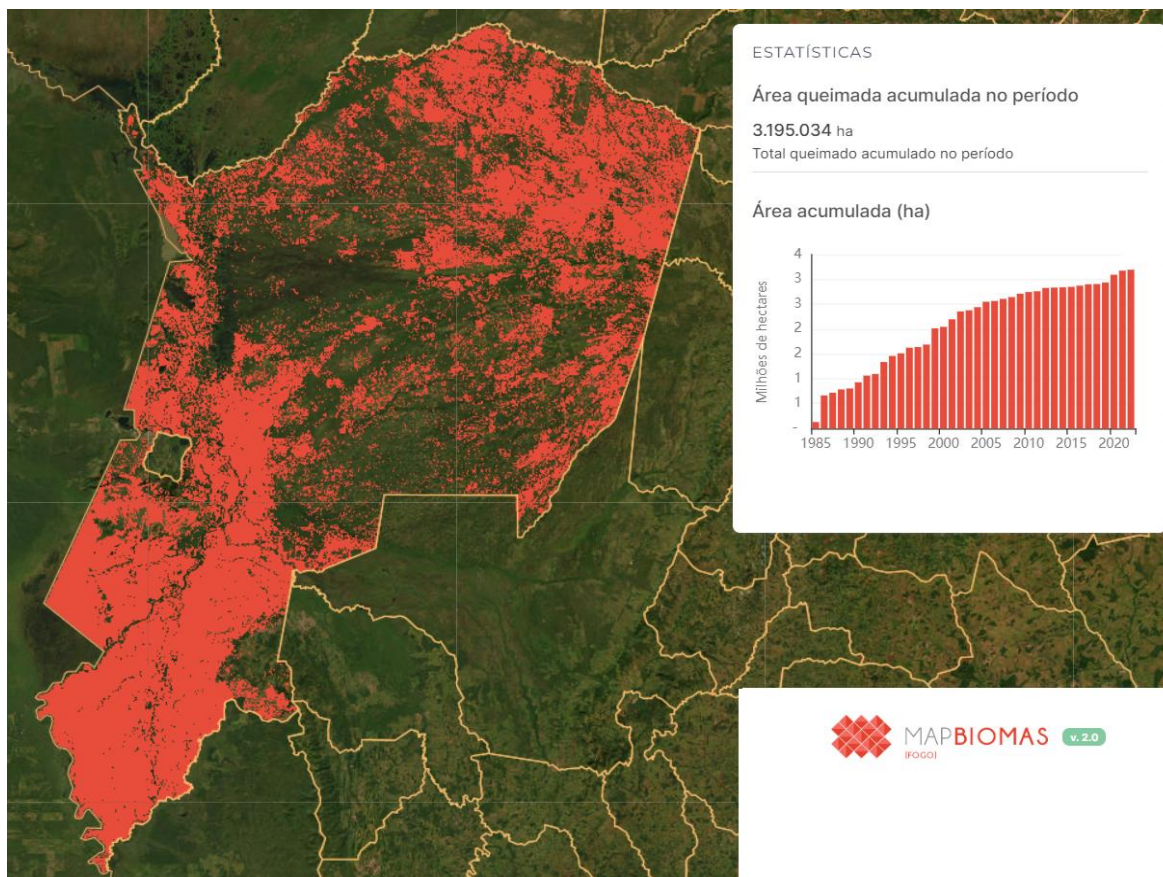
Figura 14. Imagem de satélite (ano de 2022) e série temporal da superfície de água em Corumbá (2000 a 2022)



Fonte: Elaborado por Ana Carolina Torelli M. Faccin com base em MAPBIOMAS (2023).

O monitoramento via satélite e a medição local no nível da água possibilita o recolhimento de dados em série histórica. Em estudos geográficos, podemos correlacionar a falta de água acumulada com os dados de área queimada no Pantanal, particularmente em Corumbá (figura 15).

Figura 15. Área queimada acumulada no período de 1985-2022, em Corumbá (MS)



Fonte: Elaborado por Ana Carolina Torelli M. Faccin, com base na plataforma MAPBIOMAS (2023).

Os anos de seca histórica intensificam o fogo descontrolado em todo o Pantanal brasileiro, o que prejudica inúmeras formas de vida animal e vegetal, além de prejudicar a reprodução da vida econômica e modo de vida de populações tradicionais quilombolas, ribeirinhas, além de prejudicar a atividade turística, seja essa de grande porte e formalizadas, ou mesmo as diversas atividades de turismo informais que trataremos melhor na próxima seção.

2. Apontamentos sobre o turismo no Rio Paraguai em Corumbá (MS)

2.1. Tipos de turismo em Corumbá (MS)

O rio Paraguai é o elemento-chave neste contexto turístico da região, pois é o meio de vida e referência de valores culturais e naturais, ou seja, está invariavelmente conectado aos fazeres da região, em um cotidiano específico, um modo de vida. Segundo Andrade (2002, p. 38)

turismo é o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento.

Os turistas que chegam no Porto Geral de Corumbá (figura 16) encontram diversas opções de passeios de barcos, de curta, média e longa duração. Tais opções também podem ser tipificadas em duas categorias: formais e informais. As atividades formalizadas são as cadastradas, monitoradas e incentivadas pelo poder público, recolhem impostos, geram estatísticas de suas atividades, têm grande publicidade e giram valores altos em duas temporadas. São empresas cujos barcos fazem trajetos confortáveis para turistas de todas as idades e diversos objetivos no Pantanal de Corumbá (figura 17).

Figura 16. Porto Geral de Corumbá (MS) durante final de semana.



Fonte: Ana Carolina Torelli M. Faccin (janeiro de 2020).

Figura 17. Porto Geral, ponto de embarque dos barcos de grandes empresas de turismo fluvial de Corumbá (MS).



Fonte: Ana Carolina Torelli M. Faccin (janeiro de 2020).

Junto à essas empresas, no mesmo Porto Geral, podemos encontrar facilmente empresas menores que trabalham em um meio termo ou totalmente na informalidade. São meios mais acessíveis de se fazer a atividade turística, seja por meio de passeios individuais, estilo stand up paddle ou caiaques, ou barcos menores, como podemos ver na figura 18.

Figura 17. Porto Geral, turistas em frente ao ponto de embarque dos barcos da pequena empresa de turismo Zé Leôncio, Corumbá (MS).



Fonte: Ana Carolina Torelli M. Faccin (agosto de 2023).

Assim, às margens do Rio Paraguai em Corumbá o turista já encontra a natureza pantaneira, podendo observar de perto a vegetação típica, os animais que atravessam o rio, tendo também a possibilidade de observar o belo pôr do sol pantaneiro.

O turismo local exige de seus agentes um conhecimento preciso que faz parte de suas atividades diárias; eles ensinam os turistas desde a geografia, história, biologia, natureza, clima, cultura locais, além de dar dicas de turismo e pesca. O conhecimento local é relevante para interagir com os turistas, pois cada pessoa caracteriza o local através de suas próprias perspectivas e vivências.

Podemos afirmar que o turismo em Corumbá é desenvolvido de acordo com as características sempre em constante mudança da região; portanto, apresenta processos itinerários quase exclusivos a cada mês do ano, de acordo com as mudanças da paisagem graças à dinâmica do Rio Paraguai.

Nas épocas de vazantes é possível fazer vários tipos de lazer, já que o nível do rio Paraguai está abaixo do normal. Na figuras 18 e 19 podemos observar bancas de areias que ficam expostas, um bom local para uso de lazer de banho, sendo possível aproveitamos espaços para banho e piquenique ao ar livre, um local em que a própria população e turistas podem aproveitar mesmo na estação seca.

Imagem 18 e 19. Prainha do Limoeiro, Corumbá, novembro de 2020.



Fonte: Arquivo pessoal, novembro de 2020.

O período da vazante é marcada por uma lentidão do curso d'água que podemos perceber nos lagos e cabeceiras dos rios devido à estrutura geológica do rio, onde. Já em tempos de cheia, o cenário é propício para atividades esportivas aquáticas, bem como *stand up*, canoagem, sendo possível adentrar mais nos lagos inundados, inclusive formados em cima de chácaras (figura 20), onde se observa uma imensidade de animais e plantas aquáticas (figura 21).

Figura 20. Chácara alagada vista durante passeio de caiaque, Corumbá (MS)



Fonte: Ana Carolina Torelli M. Faccin, julho de 2023.

Figura 21. Vitória régia em meio aos camalotes, plantas típicas da época das cheias no Rio Paraguai em Corumbá (MS)



Fonte: Ana Carolina Torelli M. Faccin, julho de 2023.

Em tempos de vazantes ou seca o cenário fica propício para as aventuras e passeios em terra firme, podendo adentrar o pantanal de veículos propícios por estradas que, historicamente já existiam anos atrás, por causa de caminhos boiadeiros.

Os principais pontos de turismo, dependendo do período de cheia ou vazante, podem ser verificados na figura 22.

Figura 22. Principais pontos turísticos às margens do rio Paraguai em Corumbá (MS)



Fonte: Elaborado pela autora com base no Google Maps (2023)

Observamos na figura que estão destacados alguns pontos especiais em relação ao Rio Paraguai. São eles: 1) A orla do Porto Geral, local gratuito aberto para público em geral, que pode contemplar a fauna e flora *in loco*; neste local é possível encontrar diversas modalidades de atividades turísticas, sendo o ponto de partida para variados tipos de barcos de passeios expressos, ou seja, passeios com curta duração aos barcos com passeios de média a longa duração (conforme tabela 1).

2 - A prainha do Porto Geral torna-se o principal atrativo para a população e turistas que visitam a cidade, sendo o local onde são feitas a maior parte das atrações turísticas, competições e atrações culturais, como campeonatos de canoagem, natação, banho de São João, entre outros.

3 - A Prainha do Limoeiro: em período de vazante é possível notar uma longa faixa de areia, que atrai não só como a população da cidade, mas também visitantes para apreciar as praias que se formam ali, possibilitando o banho às margens do rio Paraguai. Gera lucratividade para as embarcações que fazem a travessia até o destino final (tabela 2).

Tabela 1. Valores e duração de passeios na orla de Corumbá (MS).

Média de Tabela de valores e duração 2022		
Modalidade	Valor	Duração
Rapido	R\$ 15,00	30 minutos
Medio	R\$ 120,00	3 horas
Longo	R\$ 5.000,00	5 Dias
Canoagem e Standup Padlle	R\$ 30,00	1 Hora

Fonte: Elaboração da autora (2022)

Tabela 2. Valores de Travessia para Prainha Limoeiro (Corumbá, MS).

Valores de travessia 2023 (Preço por pessoa ida e volta)		
Barco 1	R\$	15,00
Barco 2	R\$	10,00
Barco 3	R\$	20,00

Fonte: Elaboração da autora (2023)

A Cacimba da Saúde (4) é considerada uma piscina natural com água transparente e fica localizado às margens do canal Tamengo; é um local mais afastado dos principais pontos porém é procurado pelos turistas. Ao lado da Cacimba da Saúde encontra-se a casa do Massa barro, onde estão os artesões que confeccionam uma diversidade de animais pantaneiros e esculturas com argila local, no antigo bairro Cervejaria. Alguns turistas podem chegar nesses referidos locais com seus veículos próprios ou com veículos denominados “carros de aplicativo”, gerando lucratividade aos motoristas de plataformas. Segundo Assine (2003) “o Pantanal é uma área mundialmente conhecida como um importante ecossistema, rico pela sua grande biodiversidade, onde a ocupação humana é ainda de densidade baixa e as atividades econômicas são restritas à pecuária” (Assine, 2003, p. 11). Ao longo dos anos a ocupação dos espaços às margens do rio Paraguai vêm aumentando e, com esse avanço, a oferta de lazer ecológico vem sendo mais uma opção para aqueles que buscam apreciar mais de perto a natureza. Com isso, proprietários vêm investindo em seus espaços próximos ao Rio, buscando lucratividade e reconhecimento dos recursos naturais mais próximos da cidade de Corumbá.

2.2. Relatos do trabalho com o turismo fluvial: dificuldades e características do trabalho em Corumbá (MS)

1.1. Relato transcrito do senhor Zé Leôncio

Aqui apresentamos o relato do sr. Zé Leôncio (figura 23), proprietário da pequena empresa Zé Leôncio Passeios, em Corumbá (MS). Foi realizada entrevista guiada por perguntas abertas, de modo a possibilitar a livre expressão do entrevistado. Suas repostas, reproduzidas aqui com poucas alterações semânticas, estão apresentadas transcritas na integridade a seguir.

Figura 23. O empresário local Zé Leoncio



Fonte: Arquivo pessoal, novembro de 2023.

Pergunta 1. Como era antes a situação do rio Paraguai nas proximidades de Corumbá? Era possível pescar, existiam os mesmos problemas que existem hoje?

Zé Leôncio - Bom, situação dos rios aqui nas proximidades de Corumbá na década de 1980 e 1990 era muito diferente de hoje porque as condições de desmatamento (não eram tão grandes) no Alto Taquari, as lavouras de soja, naquela região de São Gabriel do Oeste, Rio Verde, Coxim, aonde o Taquari desce, passa no meio da cidade que ele nasce lá na Barra do Jauru. Então nesse trajeto até Corumbá ele descia e bem canalizado, desaguava no Rio Miranda, saía lá perto da ponte e com essa devastação e assoreamento, ele foi morrendo aos poucos; a gente sobrevoava muito aquela região ali, aí via vários canais parecendo veia de um corpo humano quando começava a encher, ele perdia sua rota. E aí ele saía fora, criava canais, você passava de barco hoje num lugar, amanhã já passava em outro, aí ele foi modificando o seu canal, o seu leito, aí ele desviou num período de oito anos, seis, oito anos, ele morreu nessa região.

Ele voltou, aí ele voltou pra trás num trecho mais ou menos de cem quilômetros, ele desviou pra trás, ele voltou pra trás aí ele começou a sair aqui pra cima do Rio Paraguai e do Rio Paraguai Mirim. Ele saía, caía no Rio Negrinho, do Negrinho ele vinha esparramado, não era leito. Quem fazia leito eram os barcos, ele saía aqui no Paraguai Mirim, caía no Paraguai Mirim.

Há quinze anos por aí, como deu aquela época de seca, abriram uma vala pra ele inundar o campo, porque o gado não tinha água. O Rio Taquari arrombou, chama “arrombado do Zé da Costa” lá em cima. Esse arrombou essa região lá, assoreou mais ainda, aí esparramou totalmente quando foi agora nesses anos tinha até possibilidade de quatro, cinco anos atrás ele tornou a assorear e voltou novamente pra trás mais cem quilômetros, vamos dizer assim, que ele tá saindo já na região da Laranjeira, região da Rio Paraguai Mirim lá em cima, daqui até lá dá 125 quilômetros de Rio Paraguai.

Acabou que ele chega na época da seca agora, ele cai no rio Paraguai ao invés do Paraguai Mirim, está correndo pra sair aqui embaixo no rio Paraguai como entrou água do Taquari lá, ele voltou pra trás, o rio corre, com certeza, ao contrário, correnteza forte, eu tive de barco lá, ele voltou pra trás jogando do rio Paraguai lá em cima Então agora daqui pra frente a gente não sabe o que vai virar, porque daí assoreou o Paraguai, o Taquari que o Paraguai-Mirim ainda tá um pouco canalizado, porque são quase três rios que cai nele ali, e ele joga aqui no Paraguai, que é mais fundo. Então ele canalizou muito. Está bom de navegação na época de enchente, na cheia agora pra gente navegar no rio Paraguai é nem a Marinha acerta as placas que põe de navegação e indicação de canal quando é época das secas as

placas elas não já não tem mais sentido, você tem que conhecer como um conhecimento prático pra navegar porque lugar que tinha trinta anos de navegação eu eu passei, eu preguei o barco duas vezes em lugar que eu passava indo pra minha fazenda e virou um alagado, virou um local que tinha trinta centímetros de água, aí foi assoreou os camalotes (figura 24) que pregaram no meio do rio criando ilhas.

Figura 24. Vegetação de camalotes no Rio Paraguai



Fonte: Ana Carolina Torelli M. Faccin, trabalho de campo, setembro de 2023.

E o rio Paraguai tem uma barranca com uma afloramento² que às vezes eu tô no GPS com quatro metros, cinco metros, de repente ele cai pra dois e vinte, quer dizer, isso é uma lombada dentro do rio e de quinhentos em quinhentos metros ele tem essa lombada, eu naveguei agora na última viagem duzentos quilômetros, da Serra do Amolar até Corumbá e não naveguei em nenhum lugar com mais de seis metros. Então, essa situação hoje é essa e tá daí pra pior porque tão mexendo, se mexer piora. Então agora vamos ver o que que vai acontecer daqui pra lá, mas a previsão é que vai virar com lixo também.

E os campos com queimada, essas queimadas muito forte com chuva, tá matando até a

² Afloramento: agrupamento de rochas exposto na superfície do solo ou corpo d'água.

vegetação nativa, que é a embaúba, uma árvore nativa da beira do rio. Eu tenho ali no meu rancho uma embaúba morreu esse ano, mesmo sendo que é adequada, veio muito forte com a cinza. Eu creio que são a cinzas (que matam as árvores), que as árvores não aguentam respirar aquela cinza, então elas morrem. É mais ou menos isso aí a situação hoje. Peixe nem piranha está pegando mais. Antigamente era muita piranha porque a depredação também era demais. Os peixes que a gente tem aqui, a devastação tá muito e não tem fiscalização, ninguém tá nem aí pra isso

Pergunta 2. Como é hoje a situação do rio, navegação, pesca, turismo de passeio. Como o senhor compreende a situação hoje?

Zé Leôncio - Essa área que eu disse, de Cáceres até Corumbá, Cáceres a 660km de navegação com esses trechos todos assoreados e com entupimento, inclusive ali pra cima da Serra do Amolar, passando na Bahia da Gaíba, na divisa com Bolívia tem que ter embarcações direta ali abrindo o canal aonde estava o nosso barco agora lá o Tapajós, ficou dois meses lá pra desentupir, tirar camalote das curvas, porque ele entope tudo e não passa em barco nenhum. Então de lá pra cá, de Cáceres até aqui essa dificuldade.

Passando a Baía da Gaíba pra baixo bem mais fácil, bem melhor. Então, você passa de Corumbá ao Rio APA, do Rio APA até Assunção, onde tem o marco zero são 2.677km de navegação no rio Rio Paraguai. Saindo de Corumbá pra Porto Murtinho 600km. Até a Foz do Alto, mais 70km, somando 670 km. E essa navegação daqui pra baixo o Paraguai vai encontrar aqui o rio Miranda, que cai da ponte pra baixo e da ponte pra baixo em Porto Bush até Forte Coimbra, de Forte Coimbra pra baixo tem um trecho muito assoreado que a gente chama de travesseiro, que tem aquela placa que tem um X; Ela tem cinco travestil em um trecho de dois quilômetros cruza, faz um Z pra lá e pra cá, para poder cruzar ali, num passa reto.

E agora na seca todas as embarcações que descem com o minério tem que desfazer o comboio de vinte e cinco barçaça, passar de uma em uma, desfaz o comboio daqui e refaz o comboio do outro lado pra poder descer até Porto Murtinho, de Porto Murtinho aí pega o APA aí vai até a solução, essas embarcações eles descem com vinte e cinco barçaça de minério carregada.

Cada barçaça leva (equivale a) duzentos caminhões de minério ou soja. E um navio só leva uma quantidade dessa. Então a hidrovia, ela é muito importante. E apesar de tudo isso tá acontecendo, tentar resolver não vai porque as lavouras de soja aqui de cima que acabaram com tudo isso aqui pra baixo. A dificuldade que tem da navegação hoje é essa, porque quando nós chegamos aqui em Corumbá em 1991 tinha um navio que vinha de Assunção aqui, chamava

Aquidaban. E era o navio de transporte de passageiros e cargas e trazia aqueles paraguaios que fazem artesanato, peruanos, todos eles vinham até Corumbá, era um navio de passageiros, a última viagem dele foi em 1994 e daí pra cá ele não conseguiu mais passar nesse trecho de Porto Murtinho pra cá, que é ali perto de Forte Coimbra.

Então, nesse rio Paraguai realmente está acontecendo tudo isso e aí as pessoas que são formadas de agora, eles são doutores,, são tudo mas não conhecem o que aconteceu com a vegetação, com as margens, com as curvas do rio.

O senhor Zé finalizou e enfatizou que, se houver alguma catástrofe, nós vamos perder todo esse Rio que passa em frente a Corumbá pelo assoreamento, o que vai prejudicar a captação de água, pois o Rio Paraguai se desviaria diretamente para Ladário, longe da orla de Corumbá.

3.1 Relato de Luceni Aparecida Oliveira Alves

A senhora Luceni trabalha diariamente com turismo ecológico, levando turistas várias vezes ao dia para passeios de até 2 horas na orla de Corumbá (figura 25 e 26).

Figura 25. Dona Luceni em um dos barcos da Zé Leôncio Passeios.



Fonte: Arquivo pessoal, sem data.

Pergunta 1. A atividade com os turistas começou quando? Mudou muita coisa nesses anos?

Dona Luceni - *Eu comecei trabalhar no ano de 1988, e na época tinha muita diferença entre as vegetações. O Pantanal era mais preservado no sentido de menos tráfego de barco. E então, assim, havia muitos jacarés para mostrar. A gente navegava e com facilidade, se via jacarés, se via muitas, muitas aves. E hoje, com o passar dos anos, nós tivemos de 2019 a 2022 uma seca e que nessa seca houve fogo, se queimaram muitas árvores; um dos bichos que hoje*

eu sinto mais falta de ver é sucuri. Sucuri é uma serpente, ela não é uma serpente da água e sim vive nos campos e eu acredito que, com o fogo, perdemos muitas serpentes.

Figura 26. Montagem de imagens de reportagem da TV Morena Corumbá, entrevistando dona Luceni sobre o turismo no Pantanal.



Fonte: Montagem realizada pela autora com imagens de reportagem da TV Morena Corumbá (2023).

Nós tivemos, além da seca em 2019, a pandemia, com muitas pessoas desempregadas e até havia uma conversa que o Pantanal poderia ficar 50 anos seco, que era um ciclo de 50 anos cheio, de 50 seco, que tinha terminado o ciclo da cheia. Muitas pessoas invadiram as margens do Rio, mudaram muita característica daquilo que nós tínhamos de campo fechado. Hoje se encontram muitas moradias na beira do Rio e o movimento de pessoas afasta os animais.

A preservação do campos, a preservação do Rio era bem maior e na época existiam

poucas embarcações de turismo, poucos barcos-hotéis. E, para pescar na época, a gente tinha muito mais peixes, o Rio era mais povoado de peixe do que hoje. Então, era muito mais fácil pegar peixe. Nós não sabemos o que que veio ocorrendo, se houve falar... Alguma falha na medida do peixe? Mas hoje para pegar uma piranha, há muita dificuldade. Ouço tanto dos pescadores como dos turistas, assim, em Corumbá a gente passa por aqueles pescadores profissionais e eles relatam 'Ah, estamos aqui desde a 4 da manhã, 3 horas da manhã, é meio-dia e ninguém pegou nada' ou talvez pegou um peixe pelo tanto que já trabalhavam, então hoje está muito difícil pegar peixe aqui no Rio Paraguai.

Pergunta 2. O que poderia ter de apoio da prefeitura para melhorar sua atividade?

Dona Luceni - As secretarias teriam que estar mais ativas, ter mais vistorias, não só na margem do Rio. A atuação da Polícia Florestal, é mais difícil pois muitas vezes falta insumo, falta gasolina ou até mesmo um barco. E, no meu entendimento, as multas que são geradas teriam que ficar aqui para o município de Corumbá”.

No meu ponto de vista, deveria criar uma Polícia Municipal, pois há muitas multas geradas, vai para onde? O poder público devia estar fazendo autuações, começando com os próprios ribeirinhos, afim de trazê-los ao entendimento, porque é preciso preservar.

Teria que ter reciclagem com essas pessoas, ensinamento de que não pode colocar fogo, que não pode jogar o lixo, que tem que trazer o lixo, enfim, criar alguma meta de conscientização do meio ambiente com os ribeirinhos, com os pescadores, com as famílias, filhos, pescadores. Começar pelas crianças, porque as crianças hoje, elas ajudam muito a levar para dentro da casa o conhecimento e eles acabam influenciando os pais a melhorar o meio ambiente.

Pergunta 3. Qual o papel do atendimento ao turista, seu trabalho contribui para conservação e preservação da natureza?

Dona Luceni - Eu trabalho com turismo ecológico, não trabalho com pesca e o meu trabalho é um trabalho que eu faço para o turista venha a conhecer a história da cidade, a história do Rio, do nascimento, da criação do Rio, do nome do Rio. Eu trabalho também com os pássaros, com a natureza (figuras 27 e 28). Eu tenho bastante conhecimento em nome de aves e eu levo as pessoas, e eles acabam levando daqui cada passarinho na mente. E faço com que eles também possam compreender que nós temos aqui preservar o Pantanal. E sempre que estou navegando, eu faço coleta de alguma garrafa, algum plástico. Tenho uma luta muito

grande.

Figura 27. Reportagem Florada dos camalotes, agosto de 2023.



Fonte: Printscreen de reportagem da TV Morena (2023).

Figura 28. Passeio de barco sob comando da Dona Luceni, contando a história da cidade e do rio Paraguai.



Fonte: Ana Carolina Torelli M. Faccin (março de 2020).

E uma questão muito grave, que atualmente tem acontecido recente é a matança de jacarés. Se criou o costume muito grande de comer a carne do jacaré e esse costume não era

para ser jacaré do Pantanal e sim do criadouro. Mas eu não sei qual é a situação, pois hoje a gente vê muitos jacarés mortos no Rio Paraguai, nas margens (figura 9). E não é para tirar o couro? Algumas pessoas ainda pergunta se existe coureiro? Não, não temos mais coureiro, é carne mesmo. E que isso não é certo.

Figura 29. Restos de corpos de jacarés abandonados em corpo d'água na Estrada Parque Pantanal, em Corumbá (MS). Somente a cauda é retirada para proveito da carne.



Fonte: Ana Carolina Torelli M. Faccin, trabalho de campo em setembro de 2023.

O certo é comprar a carne lá na fazenda de criação de jacaré, a Caimasul. Eles criam jacaré a favor da conservação do Pantanal. E não concordo com poluição e incêndio na beira do Rio. Eu tenho feito muita reclamação com as pessoas sobre isso, pessoas que vêm pescar no canal Tamengo, pois deixam um fluxo de sacolinhas, garrafas pet e eu, às vezes até eu falo, 'olha, vocês estão pescando aí, levem as suas garrafas pet vazias para suas casas'. Eu luto, eu luto contra. Aquele que degrada, degrada o meio ambiente. Enfim, eu não concordo com desmatamento na margem do Rio Paraguai.

Considerando os apontamentos do Sr. Zé Leoncio e Dona Luceni, por meio da entrevista estruturada. Onde apresentou o turismo de uma forma a compreender a relação entre a natureza (composta de elementos naturais, social, econômica e cultural), tendo em vista, a organização

estrutural (infraestrutura e planejamento direito administrativo) e ações operacionais (determinadas no mercado com base em relação entre a oferta e a procura turística). Esta visão salientada por conhecimento empírico de trabalhadores que há anos conhecem na prática, o funcionamento do turismo por conta do cotidiano, é muito relevante para embasar todo conhecimento teórico aqui apresentado.

Através das entrevistas, pode-se perceber que o impacto económico positivo do turismo está relacionado com a renda dos turistas, a criação de empregos e o fortalecimento da cultura local.

Quer seja no setor cultural, pois contribui para a preservação do património histórico, artístico e cultural, promove a conservação e restauro de monumentos, edifícios e locais históricos, restaura tradições locais como o artesanato, as danças tradicionais, as festas, a gastronomia, entre outros. . Gera atividades económicas e sociais nos mercados locais, cria oportunidades de emprego, aumenta o rendimento local e melhora a distribuição, facilitando a igualdade populacional e regional.

Contudo, sem consciência ambiental, pode ocorrer destruição de recursos naturais e do património cultural devido à construção de zonas turísticas. Junto com o lixo deixado pelos turistas; desequilíbrio ambiental e perturbação da vida selvagem; danos a sítios arqueológicos e riscos ambientais, como erosão do solo, deslizamentos de terra e má engenharia de locais turísticos.

Entende-se que o turismo desempenha um papel importante nas áreas de intercâmbio económico, cultural e social, pois reflete em grande parte as economias locais, regionais e nacionais. No entanto, para planear e desenvolver adequadamente as áreas turísticas, é importante conhecer as opiniões das pessoas que vivem na área turística, porque as populações locais são uma parte importante do desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tentamos compreender a dinâmica natural da bacia do Rio Paraguai, de cheias e vazantes, suas recentes alterações, como o período de seca histórica, para traçarmos uma análise sobre determinadas atividades turísticas, entre turismos formais e informais, e seus problemas atuais na orla fluvial de Corumbá (MS).

Entre uma breve caracterização da bacia hidrográfica e sua dinâmica de planície, mesclamos uma compreensão sobre atividades turísticas ligadas ao Rio e problemas atuais derivados de razões além da esfera regional, como as mudanças climáticas globais.

Oscilando entre o aspecto global e o local, aprendemos com os relatos que os problemas do turismo se encadeiam em uma situação complexa de problemas ambientais, e que somente uma forte consciência coletiva de conservação ambiental poderá barrar um futuro de degradação ambiental e do clima, com atitudes individuais amparadas por políticas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADÁMOLI, J. **O pantanal e suas relações fitogeográficas com os cerrados: Discussão sobre o conceito de “complexo do pantanal”**. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 32. 1981, Teresina, Anais. Teresina: Sociedade Botânica do Brasil, 1982. P.109-119.

ALMEIDA, N. P. **Segmentação do Turismo no Pantanal Brasileiro**. Campo Grande, MS: ED. UFMS, 150p, 2007.

ASSINE, M. L. **Sedimentação na bacia do pantanal Mato-grossense, centro-oeste do Brasil**. 2003. 106p. 2003. Tese de Doutorado. Tese (livre-docência)- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108382>>. Data de Acesso: 06/05/2022

ASSINE, L.A., PADOVANI, C.R., ZACHARIAS, A.A., ANGULO, J.R., SOUZA, M.C. **Compartimentação Geomorfológica, processos de avulsão fluvial e mudanças de curso do Rio Taquari, Pantanal Mato-Grossense**. Revista Brasileira de Geomorfologia, Uberlândia –MG. Ano 6, nº 1. 2005. p. 97-108.

BRASIL. **Ministério do Turismo**. Marcos Conceituais. 2015. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/download_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf>. Acesso em: 04 de set de 2023.

Dados Econômicos – **Município de Corumbá**. Disponível em: <<https://www.corumba.ms.gov.br/minha-corumba/dados-economicos/>>.

CAMARGO, L. (Org.). **Atlas de Mato Grosso: abordagem socioeconômico-ecológica**. Cuiabá – MT: Entrelinhas, 2011. 96 p.

CARVALHO, E. M; PEREIRA, E. A. A. S; LEITE, E. F. **Compartimentação Geomorfológica do Pantanal da Nhecolândia/MS**. Anais 7º Simpósio de Geotecnologias no Pantanal, Jardim, MS, 20 a 24 de outubro 2018 Embrapa Informática Agropecuária/INPE, p. 460-469.

Corumbá (MS) é a quinta cidade a receber apoio do MTur em infraestrutura náutica. Disponível em: <<https://tribunahoje.com/noticias/turismo/2022/09/01/108476-corumba-ms-e-a-quinta-cidade-a-receber-apoio-do-mtur-em-infraestrutura-nautica>>. Acesso em: 4 set. 2023.

SOUZA, Célia Alves; SOUSA, Juberto Babilônia. **DINÂMICA DAS ÁGUAS DO RIO PARAGUAI, NO ALTO CURSO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO PARAGUAI, NO TRECHO CIDADE DE CÁCERES E A ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA ILHA DE TAIAMÃ—MATO GROSSO/BRASIL**. XII Encuentro de Geógrafos de América Latina. Anais... **Caminando en una América Latina entransformación**. Montevideu, 2009. Data de acesso : 08/07/2022

FRANÇA, A. **Rio Paraguai - Mapa, nascente, afluentes, extensão, atividades comerciais**. Disponível em: <<https://escolaeducacao.com.br/rio-paraguai-mapa-nascente-afluentes-extensao-atividades-comerciais/>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados: População Estimada. Brasília, DF: IBGE, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. Cidades, 2023. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/corumba/panorama>>. Acesso em: 05 dezembro de 2023.

MACEDO, Hudson de Azevedo. **Evolução Geomorfológica e Dinâmica Hidrossedimentar da Planície Fluvial Paraguai-Corumbá, Quaternário do Pantanal**. 2017a. 195 f. Tese (Doutorado em Geociências e Meio Ambiente) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro-SP. Data de acesso : 07/10/2022

Mapa de Mato Grosso do Sul | Baixar Mapas. Disponível em: <<https://www.baixarmapas.com.br/mapa-de-mato-grosso-do-sul/>>. Acesso em: 1 set. 2023.

MORAES, A. S.; SAMPAIO, Y.; SEIDL, A. Quanto vale o Pantanal? A valoração ambiental aplicada ao bioma Pantanal. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2009. Disponível em: <http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/DOC105.pdf>. Acesso em: 21 agosto de 2023.

NUNES, M. “No período de seca extrema, não tem trégua”, diz biólogo do SOS Pantanal: fogo volta à Serra do Amolar e se alastra para o sul. Disponível em: <<https://conexoplaneta.com.br/blog/no-periodo-de-seca-extrema-nao-tem-tregua-diz-biologo-da-sos-pantanal-fogo-volta-a-serra-do-amolar-e-se-alastra-para-o-sul/>>. Acesso em: 6 out. 2023.

Rio Paraguai repete vazante extrema no Pantanal, aponta monitoramento - Diário Corumbaense. Disponível em: <<https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=125709>>. Acesso em: 4 set. 2023.

SEIDL, A. F.; MORAES, A. S. Global valuation of ecosystem services: application to the Pantanal da Nhecolândia, Brazil. *Ecological economics*, v. 33, p. 1-6, 2000.

Serviço Geológico do Brasil - SGB. Disponível em: <https://www.sgb.gov.br/sace/boletins/Paraguai/20221209_14-20221209%20-%20145931.pdf>. Acesso em: 4 set. 2023.

TORTATO, F. R.; IZZO, T. J. Advances and barriers to the development of jaguartourism in the Brazilian Pantanal. *Perspectives in Ecology and Conservation*, v. 15, n. 1. p. 61-63, 2017.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, SP: Atlas.